



TÓPICOS DISCURSIVOS E PLANEJAMENTO (DISCOURSE TOPICS AND PLANNING)

Isabel YAMANAKA (Universidade Católica de Santos / PG – Universidade de São Paulo).

ABSTRACT: *this paper compares two texts: an oral and a written one, produced by the same informant, aiming at investigating their planning through an examination of the discursive topics of which they are made.*

KEYWORDS: *speech analysis; oral and written language; text planning; discursive topics.*

0. Introdução

Em relação ao planejamento de um texto, Urbano (98: 132) sustenta que a diferença das condições de produção da fala e da escrita é a principal responsável pelo desencadear de grande parte de outras diferenças entre essas duas modalidades de comunicação. A ausência de intervalo temporal entre *pensar* e *falar* provoca na fala características bem diferentes daquelas relativas à escrita, cuja produção ocorre (ou pode ocorrer) em dois momentos: o do pensar e o do escrever. O texto escrito é apresentado em versão final; a edição passa despercebida, apaga-se.

O texto de Urbano enfoca o texto conversacional, construído, pois, por mais de um interlocutor. Devido a isso, o planejamento é *local* porque a interação verbal instala o processo de co-autoria. Uma questão que se levanta é verificar se, em um texto oral produzido por um único informante, há marcas de planejamento local, mesmo sem interferência verbal direta de um interlocutor.

Primeiramente constituímos um *corpus* integrado por um texto oral e um texto escrito produzidos por um mesmo informante (aluno de Letras, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica de Santos). Para isso, no papel de documentadora, pedimos ao informante que relatasse um episódio acontecido com ele. A narrativa foi gravada em fita (só voz, 8'25"), e recontada por escrito 45 dias após o depoimento oral.

Não foi, por conseguinte, uma conversa espontânea. Encomendada a narrativa, houve pelo menos o planejamento temático que, segundo Rodrigues (1997 : 20) é *uma primeira dimensão do processo do planejamento do discurso*. Se é a primeira, há outras dimensões: mesmo havendo o planejamento do que dizer, a ocorrência do planejamento local - acontecimento típico de conversação - é constatada em vários trechos da exposição. Não houve interação verbal, responsável pela co-produção, entre os dois envolvidos no trabalho; apenas interação paralingüística, que se efetivou tão somente pela linguagem corporal: olhar direto (denotador de atenção e interesse), sorrisos compartilhados, acenos de cabeça, sinalizadores da sintonia entre ambos no decorrer da narrativa.

Quanto ao texto escrito, é possível inferir que sua criação deu-se num fluir, já que não foi passado a limpo e há poucas auto-correções. O informante revelou que, de



propósito, "escrevera" o texto "como se fala". Isso permite concluir que houve planejamento em certo grau, cuja meta era elaborar um texto de estilo semelhante ao falado.

1. Análise dos textos

Para analisar os textos constituintes do *corpus*, optamos por segmentá-los em **tópicos discursivos** (27 no texto oral, e 21 no escrito) e explicar em que medida a questão do **planejamento** interfere não só na presença como na construção desses tópicos.

Fávero (1997:38), citando Brown e Yule (1983: 73) define tópico como "aquilo do que se está falando" e afirma que seu conteúdo depende da colaboração que se instala entre os envolvidos em um ato interacional, durante o qual se constroem os sentidos dependendo de vários "*fatores contextuais como: conhecimento de mundo, conhecimento partilhado, circunstâncias em que ocorre a conversação, pressuposições, etc.*"

Os tópicos, quando presentes em ambos os textos, sucedem-se quase paralelamente dentro do tempo reconstruído, o que mostra a sólida internalização do episódio no informante. Contudo, é importante ressaltar que há maior número de tópicos no texto oral. Isso se explica pela diferença entre planejar um texto oral e planejar um texto escrito. Embora tenha havido planejamento temático, (*eu pensei em contar...*), planejar e realizar o texto oral são operações quase concomitantes (Rodrigues, 1997:20). Assim, o planejamento é feito passo a passo, e os tópicos que integram apenas a narrativa oral devem-se a associações ou lembranças ocorridas no momento da fala, ou detalhamento, posteriormente julgado desnecessário, quando da elaboração do texto escrito.

Em Fávero (1997: 42-43), os tópicos encontram-se classificados em **supertópicos** (assunto global), **tópicos** (desdobramentos, co-constituintes do supertópico) e **subtópicos** (aqueles que detalham os tópicos). Com base nessa denominação, e considerando apenas os segmentos presentes tanto no depoimento oral como no texto escrito, segmentamos o supertópico VIAGEM em dois tópicos (CONTEXTO E PLANO DA VIAGEM e REALIZAÇÃO DA VIAGEM) e estes em sete e seis subtópicos, respectivamente. Além disso, houve necessidade de indicar "*segmentos menores ou porções tópicas*" (*ibidem*) em dois deles. Ao todo, são 19 segmentos comuns, os quais podem ser dispostos em um esquema:

SUPERTÓPICO VIAGEM	TÓPICO CONTEXTO E PLANO DA VIAGEM	SbT1 - Explicitação do assunto a narrar (1) SbT2 - Indicação temporal (2) SbT3 - Localização espacial (3) SbT4 - Motivação para a viagem (4) SbT5 - Identificação dos companheiros (5) SbT6 - Meio de realização da viagem (6) SbT7 - Exposição do trajeto (7)
SUPERTÓPICO VIAGEM		



	TÓPICO REALIZAÇÃO DA VIAGEM	SbT1 - Saída (8) SbT2 - Trajeto de ida (9) a (13) SbT3 - Chegada (14) SbT4 - Instalação no local destino (15) SbT5 - Estada (16) SbT6 - Volta (17) a (19)	Até Bauru (9) Até Pederneiras (10) Até Campinas (11) Até São Paulo (12) Até Resende e Mauá (13) Partida (17) Complicação (18) Penúltimo trecho da viagem (19)
supertópico	tópicos	subtópicos	porções tópicas

Há uma forte tendência em detalhar os tópicos no depoimento oral e sintetizá-los no escrito. Esse procedimento confirma o planejamento passo a passo do texto oral: à medida que surgem na memória, os fatos são expostos e servem de ponto de partida para outras lembranças que vão compondo os tópicos narrados. Já na escrita, há tempo de selecionar o que é necessário à progressão da narrativa. Para exemplificar e esclarecer, seguem-se alguns tópicos analisados em paralelo:

Tópico CONTEXTO E PLANO DA VIAGEM:

SbT1 Revelação da história que será contada: uma viagem . Há detalhamento, repetição e comentário no oral, e concisão no escrito.

oral - linha 1: *eu pensei em contar -- engraçado -- eu tava lembrando HOje...*
linhas 3 a 6: *(...) foi uma viagem que eu fiz ... foi a primeira... uma das priMEIras viagens que fiz quando eu tava fazendo faculdade em Marília na Unesp... eu fui viajar pras: pra: Visconde de Mauá ... (Rio de Janeiro) um lugar maravilho:::so*
escrito - linha 3: *Tinha que ir para Mauá.*

SbT4 Motivação para a viagem: detalhada no oral e sintética no escrito.

oral - linhas 13 a 20: *eu tinha acabado de ler um livro chamava O Coiote do ... do Roberto Freire ... -- sei se conhece -- muito legal ... e/ na verdade na época eu tinha muita () eu tinha dezenove anos ... eu tava quereno ... encontrar um ícone ... encontrar um alguém assim pra pra me espelhar e O Coiote é um ... é um ... um ícone que que fala do próprio (mutante) ... tal... e a história rola toda em Visconde de Mauá ... eu acabei de ler e falei ah:: vai ser esse lugar...*
escrito - linha 2: *Tinha acabado de ler Roberto Freire, "O Coiote", e era ele.*



SbT6 Meio para empreender a viagem: equilíbrio na extensão e densidade informacional entre ambos os textos.

oral - linha 30: *fomo TEnTá ir de carona pra lá ...*

escrito - linha 3: (...), *mais, de carona.*

SbT7 Trajeto: a informação é de ordem diferente nos textos - ponto de partida e chegada e extensão aproximada do trajeto no oral, e itinerário provável no escrito sem contudo mencionar o destino final.

oral - linhas 31 e 32: *de: Marília pra Visconde de Mauá acho que são ... novecentos ... mil quilômetros mais ou menos de distância ...*

escrito - linhas 7 e 8: *Moleza, pegaríamos carona por Bauru, Campinas, Bragança e direto pra São José e Resende*

Tópico REALIZAÇÃO DA VIAGEM

SbT6 Volta

17. Partida: detalhado no oral e sintético no escrito.

oral - linhas 103 a 111: *e a gente acabou voltando cum :: as duas meninas... aí foi a VOLta foi maravilhosa... a gente ... ia/ na Dutra né? é:: Rio de Janeiro... (por Resende) a gente desce a avenida... sinal que vinha pra pra pra via Dutra... aí de manhãzinha nós pegamo uma carona com elas... a primeira carona com um camioneiro... (pegamo direto) um caminhão... cabia os quatro no caminhão... e ele tava indo direto pra BauRU... quer dizer... ia deixar a gente a oitenta quilômetros de casa... NO::ssa... caramba... perFEItO PERFEI::TO...*

Escrito - linhas 35 a 37: *Voltamos com as meninas de carona. Tranqüilo! Logo de cara descolamos um caminhão direto para Bauru, impossível.*

Entramos e a viagem estava ganha,

Embora não se possa confrontá-los, a presença dos tópicos limitados apenas ao texto oral ou ao texto escrito são úteis para confirmar uma vez mais a economia do texto escrito em oposição aos procedimentos típicos da fala encontrados no depoimento oral (repetições, pausas, hesitações...). O depoimento oral constitui-se de aproximadamente 1500 palavras contra 434 constituintes do texto escrito. Oito tópicos pertencem apenas ao texto oral e estes somam aproximadamente 300 palavras, ou seja, só em acréscimos, o informante utilizou-se de quase 75% do número de palavras empregadas para elaborar o texto escrito. Como exemplo desses tópicos podemos destacar:

Justificativa para o fato de acreditar ser possível ir de carona.

... mas foi muito engraçado que a gente... que a gente/... NORmalmente eu viajava de carona já com esse cara... a gente ia pra congressos em outras



faculdades tal... por ali por perto né? (como é cidade universitária) o pessoal já costumava dar carona por aí... a gente ia coas plaquinha pra estrada pedir carona... aí (ia pra outra cidade)... só que essa era uma viagem mais... a gente andar mil quilômetros ... tinha aquele utopia de... de.. conquistar o mundo... mochila nas co::stas ... e toda a cultura hippie que eu adquiri quando... na minha adolescência () sei que a gente foi tentar ir... de Marília pra... pra Mará prá Mauá de... de carona

Já os tópicos restritos ao texto escrito são apenas dois e constituem-se de 43 palavras, ou seja, pouca informação a mais foi julgada relevante. São eles:

a) Informação de que os companheiros de viagem encontraram em Mauá pessoas conhecidas de Marília especificamente.

Ainda encontramos um povo de Marília no bar. Foi legal.

b) Informação sobre a existência de uma amiga em cuja casa pernoitaram ao chegar a Bauru.

... na casa de uma amiga da Unesp local que havia conhecido em uma outra trip, a primeira grande trip da minha vida, para a Ilha do Mel, mas esta já é outra história.

3. Considerações finais

O confronto entre os dois textos nos permite evidenciar não só diferenças entre *falar* e *escrever*, bem como mostrar que o planejamento tem papel importante para que ocorram.

O texto oral, embora planejado previamente do ponto de vista temático (*narrativa de uma viagem*), mostra os procedimentos de planejamento local no decorrer efetivo do depoimento. Mesmo a fala de um só informante, sem interferências verbais de outro interlocutor, não se constrói previamente em sua totalidade: encontram-se fragmentação de frases e/ou descontinuidade verbal [linha 13: *aí a gente/eu tinha acabado(...)*; linha 87: *eu lembro que a gente/ tinha uns bailes muito (...)*]; hesitações e pausas preenchidas, cuja presença comprova a concomitância entre pensar e falar: a hesitação busca um elemento exato e a pausa preenchida provê um brevíssimo intervalo de tempo que permite ao falante pensar e melhor expressar o pensamento [linhas 89/90: *tava um povo muito :: muito maluco lá ...de de : : é : : de hippie ... e...e...é: : e gente ... tipo é : : esTRAngeiro também ... (...)*]

O texto escrito foi estilisticamente planejado, conforme revelação do informante, apesar de as poucas auto-correções no manuscrito indicarem fluência verbal escrita. Ainda que tenha havido o planejamento para dar ao texto a feição de fala, é inegável que a naturalidade, a oralidade presente no texto foi construída, portanto é artificial. Por mais próxima que esteja a versão escrita da oral, não se identificará com esta; basta ler os trechos que constam desta reflexão. No texto escrito, ao contrário do oral, inexistem as hesitações, truncamentos, anacolutos, incorreções quanto ao emprego dos verbos, repetição excessiva de certos vocábulos. A "oralidade" ficou restrita a algumas construções sintáticas facilmente encontráveis na fala, como frases nominais (linha 14: *Trem para Pederneiras (7km), terra do Jairo.*), períodos simples e curtos (linha 35: *Logo de cara descolamos um caminhão para Bauru, impossível.*), e à seleção



do léxico envolvendo palavras populares e gírias: *camaradaço*, *topava* (linha 4), *moleza* (linha 7), *fomos no dedão* (linha 10), *descolamos* (linha 12 e 36), *trip* (linhas 15, 45 e 46), *grana* (linha 21) e várias outras. É um texto de estrutura sintática simples, o vocabulário é popular. A escrita é condizente com certo contexto, se considerarmos o planejamento pragmático.

Há, pois, processos distintos que envolvem o falar e o escrever. Mesmo em relação a cada uma das duas modalidades há variações nos processos: conversar espontaneamente com uma ou mais pessoas é diferente de contar sozinho uma história para uma platéia desconhecida ou para um amigo; escrever um bilhete ou uma carta não é o mesmo que elaborar um relatório, um ensaio. A questão do planejamento parece revestir-se de fundamental importância. De acordo com OCHS *apud* Rodrigues (97:20) *há quatro níveis de planejamento: falado não planejado, falado planejado, escrito não planejado e escrito planejado*. Urbano (98: 135) flexibiliza ainda mais: *Na verdade, como acontece em quase tudo na relação língua falada/língua escrita, temos que aceitar um continuum. Daí a preferência em se utilizar freqüentemente as expressões "relativamente não- planejado"/ "relativamente planejado"*.

Os textos constituintes do *corpus* podem ser classificados, então, como falado relativamente planejado (pelo menos no que diz respeito ao tema) e escrito planejado. Contudo o planejamento do texto escrito garantiu apenas em parte os objetivos fixados pelo informante: existem, à sua superfície, marcas de oralidade; mas a fala não foi reproduzida; os processos de escritura manifestam-se nitidamente.

RESUMO: este trabalho confronta dois textos – um oral e outro escrito -, produzidos por um mesmo informante, objetivando investigar o planejamento desses pelo exame dos tópicos discursivos que os compõem.

PALAVRAS-CHAVE: análise da conversação; língua falada e língua escrita; planejamento textual; tópicos discursivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FÁVERO, Leonor Lopes. *O tópico discursivo*, in PRETI, Dino (org.). *Análise de Textos Oraís*. 3.ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1997.
- RODRIGUES, Ângela C.S. *Língua Falada e Língua Escrita*, in PRETI, Dino (org.). *Análise de Textos Oraís*. 3ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1997.
- URBANO, Hudinilson. *Variedades de planejamento no texto falado e no escrito*, in PRETI, Dino (org.). *Estudos de Língua Falada: variações e confrontos*. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1998.